



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS**

ROBERTA DOS SANTOS DIAS

MULHER! E QUEM TE DEU ASAS PARA VOAR?

**GUARABIRA
2017**

ROBERTA DOS SANTOS DIAS

MULHER! E QUEM TE DEU ASAS PARA VOAR?

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de licenciada em Letras Habilitação em Língua Portuguesa. Área de concentração: Literatura, gênero e imaginário.

Orientador: Prof. Me. Rafael Francisco Braz.

**GUARABIRA
2017**

D541m Dias, Roberta dos Santos.
Mulher! E quem te deu asas para voar? [manuscrito] : /
Roberta dos Santos Dias. - 2017.
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Símbolo. 2. Libertação da Mulher. 3. Asas.

21. ed. CDD 305.4

ROBERTA DOS SANTOS DIAS

MULHER! E QUEM TE DEU ASAS PARA VOAR?

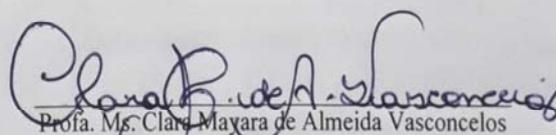
Artigo, apresentada ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de licenciada em Letras Habilitação em Língua Portuguesa.

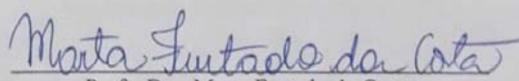
Área de concentração: Literatura, Gênero e Imaginário

Aprovada em: 04 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Marta Furtado da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, pela dedicação, carinho e amizade,
DEDICO. .

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, em todo momento, pois Ele esteve junto comigo, me dando forças e sabedoria para continuar em frente. Ao longo desses anos passei por muitas dificuldades, porém as dificuldades não foram maior do que a minha persistência. Sempre em meu íntimo florescia um novo amanhã, e sabia que o amanhã chegaria com novas esperanças e forças para continuar de pé.

Da mesma forma e com o mesmo entusiasmo quero agradecer a minha querida mãe, Maria do Carmo, ela sempre sendo uma mulher muito amável, me ensinou a nunca desistir dos meus sonhos, e a todo momento me dava instruções e conselhos para conclusão de mais uma etapa de minha vida.

Ao meu professor, orientador e Mestre Rafael Braz, que me ajudou e compartilhou o seu grande conhecimento. Meu ofereceu um mundo de possibilidades dentro do seu belíssimo imaginário, sou extremamente grata a Deus por ter me presenteado com sua linha de pensamento, pensamento este que me encanta e me fascina.

Com carinho, também sou grata a meu namorado, sempre ao meu lado me dando forças e incentivos, as minhas irmãs pelo apoio, aos meus grandes e queridos amigos que conquistei durante todo o curso, aos meus colegas de classe pelos momentos de amizade, apoio, consideração e companheirismo, aos meus professores que me ajudaram com os seus conhecimentos e a toda a minha família.

“Não, ela não voou. E como poderia? Saiu andando, apenas”

Marina Colasanti

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	PALAVRAS SOBRE MARINA COLASANTI	12
3	SÍMBOLO E SEU PAPEL SIMBOLÓGICO NA NARRATIVA	13
3.1	Simbolismo das asas	15
4	<i>DAS ASAS DADAS À MULHER</i>	19
5	CONCLUSÃO	25
	REFERÊNCIAS	27

MULHER! E QUEM TE DEU ASAS PARA VOAR?

Roberta dos Santos Dias*

RESUMO

O homem contemporâneo, vive em busca de inovações e interessa-se por objetos e coisas que vai além de seu imaginário, chegando aos símbolos. Sendo eles: símbolos de verticalidades e mistério que caem para emitir inclinação ao homem ou símbolo das asas que sai da realidade e integra o símbolo é o órgão do voo que faz separação do solo, transmite o poder de liberdade e na antropologia e história das religiões é atribuído o mesmo sentido simbólico, afirmando que ela evoca, principalmente, elevação espiritual, transcendência, faz uma quebra com os limites da condição humana e abolição do peso. Podemos especificar neste artigo o principal objetivo como sendo analisar o símbolo das asas nas grandes evidências de submissão e libertação da mulher na relação de companheiro. Para tanto, levando também em consideração as teorias sob a perspectivas dos aspectos simbólico Marc Girard (2005) e da fenomenologia de Gaston Bachelard (2001). A análise mostra que O simbolismo das asas exposto pela autora tem um sentido de elevação que vai do sublime ao transcendencial humana, pois o símbolo foi evidenciado e retratado como uma forma de elevação e libertação da mulher, mesmo que não possuindo asas, obteve o voo linear, conseguiu também acesso ao alto, o ar de esperança e a fez se livrar das obscuras sensações escondida em seu interior.

Palavras-chave: Símbolo. Libertação da mulher. Asas.

1 INTRODUÇÃO

A palavra Símbolo, ao longo dos séculos, vem sendo muito valorizada no plano da epistemologia, da filosofia, do imaginário e da mitologia. É um elemento essencial no processo de comunicação e encontra-se distribuído, também, no cotidiano das pessoas e pelos variados aspectos do saber humano.

É nessa evidência do símbolo com a imaginação que é percebido os grandes e variados significados e significantes que ele pode tomar a depender de cada pensamento cultural, pois ele vem de encontro com vários sentidos do saber, podendo ultrapassar os limites da imaginação.

Seguindo esta linha de pensamento, organizamos nossas ideias e atitudes sobre os variados pontos da imaginação, sendo eles decisivos ou restritos, pondo eles no ápice ou no

* Aluna de Graduação em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: robertaddds@hotmail.com

declínio, estão todos compondo o todo da imaginação humana. Perceber que isso existe na mente do ser humano é reconhecer o poder que nossa imaginação é capaz, capaz de pensar nas coisas mais extremas, criar e recriar é viver sobre a elevação da mais alta imaginação.

O homem contemporâneo, vive em busca de inovações e interessa-se por objetos e coisas que vai além de seu imaginário, chegando aos símbolos. Sendo eles: símbolos de verticalidades e mistério que caem para emitir inclinação ao homem ou símbolo das asas que sai da realidade e integra o símbolo é o órgão do voo que faz separação do solo, transmite o poder de liberdade e na antropologia e história das religiões é atribuído o mesmo sentido simbólico, afirmando que ela evoca, principalmente, elevação espiritual, transcendência, faz uma quebra com os limites da condição humana e abolição do peso.

Nessa linha de raciocínio, propomos neste estudo, analisar o símbolo das asas no conto *Sem asas, porém*, na obra *Longe como o meu bem querer* (2005), da escritora Marina COLASANTI, a partir de um estudo analítico compreender a simbologia das asas dentro do contexto da imagem da mulher que vivia completamente submissa a seu companheiro e presa em sua própria essência, assim, como categoria temática daremos ênfase ao simbólico.

Em 2005, é lançado a obra *Longe como o meu bem querer*, que é um livro com 24 contos fantásticos de fantasia e magia. Os contos são da ordem do maravilhoso e demonstram através de conto de fadas os mais íntimos sentimentos humanos, seus anseios, coragem, dúvidas, medo, inveja, amor, entre outros, de forma que faz o leitor se fixar a cada momento.

Todos os contos da obra retratam os sentimentos mais escondidos e obscuros do ser humano, sentimentos estes que vem da alma, que faz o homem refletir sobre seus desejos, valores e intenções. No conto analisado *Sem asas, porém* vem nos transmitir a ideia de libertação, de iniciativa e o voo de liberdade que cada ser humano pode dar.

O conto *Sem asas, porém*, de Marina Colasanti, nos mostra uma mulher sem esperança e presa em sua própria essência, essência essa que faz com que viva de maneira infeliz, assim, ela é oprimida pelo seu companheiro, suporta as suas arrogâncias e faz todas as suas vontades, sem nenhuma objeção. Sofre com seus próprios pensamentos, acostumada e conformada com sua vida, esconde seus desejos e sonhos.

É levada a comer carne de ave, pelo seu companheiro, coisa que na época não podia uma mulher desce de bons costumes comer carne de ave. Depois, através de uma janela em sua casa, pequena casa, a mulher começa a imaginar um mundo de possibilidades e descobertas. Percebida por seus pensamentos a mulher decide voar, voar para o mais alto e sublime da sua imaginação.

Na grande maioria das obras de Marina Colasanti, percebemos sua intensidade, o seu vigor e a sua busca da profunda inspiração. A autora de contos de fadas e histórias ganha destaque por preservar os elementos próprios da narrativa e que faz o leitor levar com maestria os gêneros narrativo e lírico. Sua discursão fala sobre temas atuais, como o egoísmo e as relações humanas. A sua linguagem sem sombra de dúvidas encanta os leitores.

É no contexto das relações humanas e nos sentimentos escondido do ser humano que fomos impulsionados para a realização de um estudo analítico da simbologia das asas na representação da imagem de uma mulher presa em sua essência, como sendo um símbolo transgressor.

Podemos especificar neste artigo o principal objetivo como sendo analisar o símbolo das asas nas grandes evidências de submissão e libertação da mulher na relação de companheiro. Podendo, assim, ter em vista que todos nós podemos nos libertar de algo que pode estar aprisionado e escondido no seu mais íntimo profundo sentimento.

Nessa perspectiva, conduziremos o presente trabalho, buscando associar o símbolo das asas na imagem da mulher com os sentimentos e pensamentos de libertação e redenção, com o intuito de promover o despertar o senso de observação. Esta pesquisa é sobre a teoria do símbolo bem como a do imaginário.

A abordagem que nos levou a essa existência caminha por uma contextualização de características densas, levando também em consideração as teorias sob a perspectivas dos aspectos simbólicos de Gaston Bachelard (2001) e Marc Girard (2005). Portanto, o foco de análise recaem na representação da simbologia das asas na obra em análise.

Na primeira sessão, fixamos a proposta da escrita da autora, elucidamos também sua literatura e descrevemos a situação do conto, bem como o símbolo referido. Já na, expomos uma discussão teórica sobre o símbolo, pelo viés fenomenológico de Marc Girard e Gaston Bachelard. Finalizamos a terceira sessão como uma breve introdução e discorremos a análise nos aspectos simbólicos e imaginários. Por fim, nossas considerações finais e referências usadas na elaboração desta pesquisa.

Neste presente trabalho, buscamos mostrar a força da simbologia das asas, revelando como sua capacidade de elevação nos faz pensar sobre o poder de transgredir e de nos levar a lugares e pensamentos que a nossa imaginação não é capaz de imaginar. Ressaltamos a importância no contexto do conto de Marina Colasanti sobre como a mulher passou de ser uma mera prisioneira de sua essência e imaginação para se tornar uma livre mulher determinada. A autora, também, conseguiu de forma singela e leve mostrar uma história com todo o envolvimento do símbolo das asas, desvendando o poder que ela pode nos transmitir.

2 PALAVRAS SOBRE MARINA COLASANTI

Marina Colasanti é uma autora apaixonada pela forma. Nasceu em Asmara, na Etiópia (África). Com a segunda guerra mundial, veio para o Brasil com onze anos de idade, onde se radicou.

Desde criança, Marina lia muito. Os livros encheram sua vida de aventura e beleza, e lhe deram força que as palavras possuem. Formada pela Escola Nacional de Belas Artes, dedicou-se durante algum tempo exclusivamente à gravura, atividades que mantém até hoje, depois ingressou ao jornalismo. Trabalhou como repórter, redatora, editora e atuou em publicidade e em televisão, além de realizar numerosas traduções.

Seu primeiro livro foi lançado em 1968 e, de lá para cá, entre literatura infantil, juvenil e adulta, teve mais de trinta títulos publicados. Na obra *Longe como meu bem querer*, recebeu o Prêmio latino-americano Norma-Fundalectura/ 1996 e o selo Altamente Recomendável para jovem, FNLIJ/ 2005.

Quando perguntada de como nasceram os contos da obra *Longe do meu bem querer*, ela diz: *“Os contos de fadas, meus contos de fadas, vêm de muito perto. Muito longe, porque tratam dos sentimentos mais antigos dos seres humanos: o amor, o medo da morte, o medo da vida, o ódio, a inveja, o eterno desejo de crescimento essa coisa que o ser humano tem de abrir asas da alma e voar”* (COLASANTI, 2002, p.,127?). E ainda reafirma que: *“Quando escrevo contos de fadas vou buscar matéria-prima no fundo da alma”*. (COLASANTI 2002, p.127)

Uma de suas respostas ao ser perguntada de onde vem suas inspirações para escrever, assim, a ela declara: *“Tenho vários ramos de atividade literária. E cada uma tem suas exigências. Quando escrevo sobre a questão das mulheres, por exemplo, trabalho a partir de dados concretos, de pesquisa”*. (COLASANTI 2002, p.127)

Marina não exclui uma boa leitura, começa seu dia lendo os jornais, ler, também, muito material de informação relacionado a comportamentos, livros, revistas, artigos e os livros escritos por seus amigos escritores.

Defende a importância da linguagem dentro da literatura, inclusive em suas obras, afirma *“Sou uma apaixonada pela forma”*. (2002, p.129). Ela procura economizar em suas palavras, dizer o mínimo com o máximo, ou seja, fazer um texto bem enxuto Ela usa em sua criação poética o recurso da figura de linguagem metáfora.

Marina consegue alcançar a todos, pois escreve gêneros muito distintos. As críticas foram sempre muito generosa com ela. E é uma autora que já ganhou e vem ganhando vários prêmios, tanto no Brasil, quanto no exterior.

3 SÍMBOLO E SEU PAPEL SIMBOLÓGICO NA NARRATIVA

O termo símbolo decorre do grego *symbolom*, que deriva do verbo *sym-ballein*, seu primeiro sentido significa “lançar com, pôr junto com, juntar”. E possui outros sentidos particulares do ponto de vista individual, que são: comparar, encontrar-se, trocar, explicar. Este termo em nossa língua possui grandes variações, e, tornou-se um sentido bastante amplo, chegando a causar problemas praticamente intransponíveis. Conforme consultas feitas nos dicionários de Houais (2011) e Aurélio (2009)

Para aliviar a compreensão, o termo “símbolo” foi aplicado em quatro classes de realidade, que são:

SÍMBOLO DE QUARTA CLASSE	Trabalha no campo das ciências exatas
SÍMBOLO DE TERCEIRA CLASSE	Trabalha no campo dos sinais distintivos
SÍMBOLO DE SEGUNDA CLASSE	Trabalha no campo dos símbolos de um valor moral, poder, saber e alguns elementos de síntese.
SÍMBOLO DE PRIMEIRA CLASSE	Trabalha no campo dos símbolos oníricos (os que dão estrutura aos sonhos, e pelos quais se interessa a psicologia do profundo), símbolos míticos e religiosos.

Quadro 01: definição dos símbolos em classes

Fonte: GIRARD, Marc. *Os símbolos na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2005, p., 27.

Para se chegar ao significado real e simbólico é preciso uma via, ou seja, existir um processo de simbolização e simbolizantes. Como Girard expõe “[...]chamamos processo de simbolização equivale simplesmente ao ato pelo qual, em dado momento, os portadores das duas metades do symbolon as colocam junto e as ajustam, para reconhecer seu nexa”. (GIRARD, 2005, p., 36). Como o termo *symbolon* tem o sentido de juntar, unir, olhemos uma maçã partida ao meio, ambos da mesma forma, com aparência igual, porém incompleta, será preciso á unificação e o ajustamento para possuir o real sentido.

Compreendido que o símbolo caracteriza ao mesmo tempo o simbolizante e o simbolizando, Girard (2005, p.,36) elucida “o símbolo exprime sempre uma totalidade reconstituída” Isso descreve que o símbolo não possui um sentido isolado, mas, portanto, ele é composto por dois sentidos que é chamado de simbolizante que é o pedaço disponível, acessível à nossa experiência imediata e simbolizado e o que é o pedaço inacessível, a parte ausente e impossível de perceber.

O simbolizado, pedaço a reconstituir do total real e será sempre o domínio predileto do simbolismo, o invisível, aquele pedaço não sensível em todas as suas formas, como, o inconsciente, o metafísico, o sobrenatural e o surreal. Será então o maior peso da balança.

Já o simbolizante, o pedaço presente está sempre acessível a toda experiência imediata, tornando-se o pedaço onde a intuição age na reconstituição da realidade total. O termo simbolizante pode ser visto de vários pontos de vista como: cognitivo, linguístico, semântico, social que são reconhecíveis por uma coletividade e psicológico que está ligado a vivência pessoal e coletiva.

De acordo com a observação do simbologista Girard (2005, p. 39) “O simbolismo atua em diferentes campos, seu domínio aplica na classificação de diferentes espécies de símbolos”. Para tanto, observamos os quadros abaixo que resumem a união do nosso pensamento ao de Marc Girard quando ao campo de simbolização

Campo simbolizado	Simbolismo correspondente
o mistério do homem o mistério do todo o mistério das forças superiores	o simbolismo antropológico e o simbolismo psicológico o simbolismo cósmico o simbolismo religioso e o simbolismo ponerológico

Quadro 02: definição dos símbolos enquanto campo simbólico
Fonte: GIRARD, Marc. *Os símbolos na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2005, p., 27.

Vemos o símbolo numa visão mais didática com o seguinte esquema base, abaixo ilustrado como figura 01, apresentado por Girard (2005) da seguinte forma:

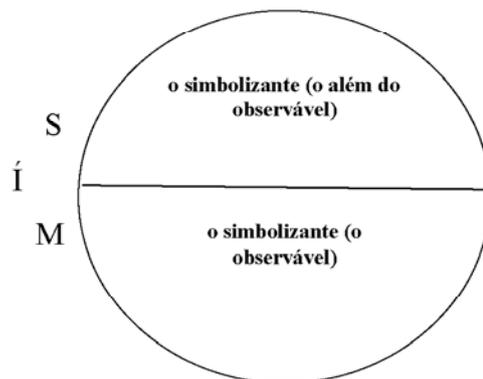


Figura 01: definição da base do simbólico

Fonte: GIRARD, Marc. *Os símbolos na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2005, p., 47.

Portanto, o símbolo corresponde a uma realidade total, ele resulta na conjunção, da unificação e conciliação de um simbolizante observável e de um simbolizante inobservável. Seu processo de simbolização se desenrola em todo o tempo seguindo um movimento unidirecional, de baixo para cima. Sua intuição simbólica é dotada da capacidade genial de “pôr junto”

Desta maneira, sua totalidade corresponde a uma só realidade, e resulta da conjunção de um simbolizante observável e de um simbolizado inobservável. No sentido de seu processo, ele se desenrola seguindo um movimento unidirecional, ou seja, debaixo para cima, pois como afirma Girard (2005, p., 50) *“O símbolo permite intuir o inobservável a partir do observável. Ele liga ou une uma só coisa ao além dela, ao transbordamento dela mesma”*.

É necessário ter em mente que não podemos confundir este termo “símbolo” com outros fenômenos literários, tendo em vista que infelizmente outros tipos são identificados na classe do simbolismo.

3.1 Simbolismo das asas

O homem da atualidade, sente a necessidade de inovação e viver imaginando coisas que perpassem a sua realidade. Sonha com objetos que vai além do imaginário, chegando nos símbolos, símbolos de verticalidades, mistério que servem para emitir inclinação ao homem.

Vindo da realidade dos símbolos vemos as “asas”, que são metaforicamente o órgão do voo, fazendo a separação do solo e transmite o poder de liberdade. Fazendo uma analogia vamos para a águia, símbolo que particularmente vem imaginação pelo seu grande vigor, de alto voo e de seu olhar tão penetrante. Costuma-se dizer que uma pessoa que é muito

observadora e esperta, dar-se-á “olhos de águia” e, com isso, é compreendido que todos vivem fazendo uso dos símbolos existentes, mesmo às vezes sem perceber sua carga semântica.

De acordo com o pensamento de Girard (2005, p., 701) “*A simbólica das às asas (portanto, de pássaro) intervém, só num nível segundo, derivado, e se enraíza numa simbólica ainda mais profunda, a do voo onírico*”. Isso atribui que no mundo dos sonhos as pessoas creem ter asas porque no seu sonho ela voou. O ser humano quando se eleva, sente a sensação de leveza, de está escapando do seu cotidiano ou, também, de estar fugindo de algo reprimido em sua vida.

O símbolo das asas na antropologia e história das religiões atribuem à asa o mesmo sentido simbólico que ela evoca, principalmente, a elevação espiritual, a transcendência, faz uma quebra com os limites da condição humana, o ingresso a liberdade, em resumo, a abolição do peso. Tudo isso no plano na vida, quanto no conhecimento.

No plano antropológico, na maioria das civilizações, as asas ou o pássaro são considerados símbolos da alma humana, a alma do antepassado, a ascensão celeste após a morte, a encarnação das almas do outro mundo, a interioridade, a inteligência ou até o espírito do xamã.

Sobre o conceito cósmico, o pássaro é considerado o transportador dos defuntos para o além, de um herói para o mundo imortal dos deuses, o agente sobrenatural de salvação e também mensageiro dos segredos dos céus. No pensamento precisamente religioso, as asas, podem simbolizar a impermanência de um Deus ou, também, de alguns mensageiros celestes como um anjo. Eles que são criaturas espirituais onde sua habitação é nos céus.

O símbolo bíblico das asas evoca, principalmente, a ideia de liberdade, liberdade do povo eleito de Israel, das criaturas celestes, do indivíduo e até do próprio Deus. Em salmo, 61:4 “*Para sempre anseio habitar na tua tenda e refugiar-me no abrigo das tuas asas*”. Nestas palavras percebemos o povo em busca de uma proteção superior, as asas neste contexto, exprime um grande conforto.

Em outra passagem o salmista mostra de maneira semelhante a inviabilidade de escapar a proximidade de Deus “*Tomaria as asas da Aurora, habitaria atrás do mar; mesmo lá tua mão me conduziria, tua direita me sustentaria*”. (Salmo: 139.9-10). Neste texto traduz uma situação psicológica, na qual consciente e inconsciente se conectam.

A águia, também é vista como sendo um símbolo de um Deus libertador. Em (Levítico: 14, 4-7) “*Vós vistes o que eu fiz no Egito; eu vos levantei sobre as asas de águias e vos fiz vir a mim*” Aqui as asas é uma expressão, exclusivamente, simbólica, onde trata-se estritamente de um símbolo de verticalidade. Deus pegou seu povo da escravidão e os levou para liberdade

política e social e fez deles povos libertos. Em resumo, as asas simbolizam o acesso do homem a transcendência.

A pomba ou rola tem asas fortes e podem voar a longa distância em busca de alimento. Ela é um símbolo de Israel livre, no saltério usa o termo “pomba” para designar o povo eleito, no Livro de Cântico é mostrado seis vezes, e, sempre fazendo metáfora. No livro de Jonas é o próprio nome do profeta Jonas e no evangelho de Mateus é designado quase certamente Israel.

No aspecto de simbolismo cósmico e religioso, as asas, é um símbolo de mobilidade dentro do mundo celeste. Apresentam as misteriosas criaturas que compõem o círculo do Altíssimo. Na mobilidade horizontal no ar entre o céu e a terra temos as “asas do vento e do sol”, “asas de querubins” e “asas de mulheres”.

As asas, símbolo de mobilidade vertical entre céu e terra, temos a dos anjos, que são consideradas divino, que geralmente faz a circulação ente o céu e a terra, a dos querubins, que não faz parte exclusivamente da simbologia, mas também se apresenta em forma de imagem, na parte mais sagrada do Templo de Jerusalém.

A imagem, bem real e observável, não deixa de fazer parte do simbolismo. Estendidas “para o alto”, as asas evocam antes de tudo a transcendência: transcendência das figuras esculpidas, à quais elas pertencem (criaturas celestes) e transcendência do cofre sagrado, que elas cobrem (símbolo matricial da presença de Deus e também continente real da Palavra de Deus, os cinco rolos da Lei escrita. (GIRARD, 2005, p. 709)

Mesmo que os querubins não sendo, exclusivamente, símbolo, essa classe não deixa de fazer parte do simbolismo, visto que eles são figuras esculpidas e possuem asas que na passagem em (Êxodo: 25, 18-20) “*dois querubins de ouro estendendo as duas asas para o alto, cobrindo com suas a tampa*”. Percebemos que as suas asas evocando antes de tudo a transcendência, transcendência das figuras esculpidas.

Outros aspectos particulares do simbolismo são o do pássaro eles tem algumas funções no mito do patrimônio universal. Alguns encontramos nas Escrituras, como: o pássaro revelador, o pássaro, agente de salvação, o pássaro solar, que é considerado um símbolo de renascimento e de ressurreição e o pássaro-trovão. “[...]Deus não se limita a criar pássaros vivos e quentes que voam no azul e na nuvem. Criou também, para fiéis, os tipos aéreos da *Péri, do Anjo, da Silfide*” (BACHELARD, 2001. p, 71).

Em toda a bíblia, o termo “asa”, tem um sentido simbólico. Podemos encontrar mais no antigo testamento, porém, ainda podemos encontrar no novo testamento. A proporção dos empregos simbólicos das espécies particulares de pássaros, não é muito elevada. Contudo encontramos o sentido positivo das asas.

O olhar sob o voo leva o ser humano a uma reflexão, e faz como o que criem uma imagem inconsciente na memória. *“O movimento de voo dá imediatamente, uma abstração fulminante, uma imagem dinâmica perfeita, acabada, total. A razão dessa rapidez e dessa perfeição é que a imagem é dinamicamente bela.* (BACHELARD, 2001, p. 65)

Toda imagem tem sua beleza, mas para poder enxergar é necessário parar e visualizar. A imaginação do ser humano é algo que pode ser divino, divino no que diz respeito aos pensamentos. A compreensão do mundo torna-se plausível quando se reconhece a beleza existente em volta. De acordo com o pensamento de BACHELARD (2001, p.66) *“O que é belo, no pássaro, primitivamente, é o voo. Para a imaginação dinâmica, o voo é uma beleza primeira”* Isso atribui a grandiosidade do voo, com cores e leveza que faz a imaginação do homem ver os movimentos sem pestanejar até mesmo sonhar.

O ser possuindo algo obscuro que muitas vezes pode aprisionar a mente, possui um segundo plano, o do resgate. O livramento do revestimento que camufla os pensamentos ousados, são manifestados através das decisões de iniciativa e escolhas. O levantar e seguir em frente faz o pensamento se elevar, fazendo das suas encolhas um ponto de decisão.

A asa, atributo essencial da volatilidade, é marca ideal de perfeição em quase todos os seres. Nossa alma, livrando-se do envoltório carnal que retém nesta vida inferior, encarna-se num corpo glorioso mais leve, mais rápido que o do pássaro... De todas as coisas atinentes ao corpo, são as asas as que mais participam do que é divino. (BACHELARD apud TOUSSENEL, 2001, p., 68)

Todos os seres que possuem asas e tem o grande e livre acesso ao alto. O ar que os impulsiona, faz o seu voo ser repleto e deslumbrante. O mesmo acontece nos sonhos, quando a pessoa sonha está voando, seu corpo se eleva, até chegar no mais alto dos seus pensamentos. Seu corpo consegue, então, se desgarrar dos pensamentos escondidos no seu íntimo e a força interior é renovada.

O voo onírico, aqueles que são sonhados durante a noite, podem perpassar para o dia, ou seja, podem estar presente em toda a luz. *“O voo onírico é um fenômeno da felicidade dormente, desprovido de tragédia”.* (BACHELARD, 2001, p., 70) Desta forma, pode-se evidenciar que durante a noite as pessoas podem voar e sentir alegria interior, ambos caminham lado a lado, o voo e a alegria.

O resultado de nossa análise é que um símbolo transgressor, ou seja, é um símbolo que ultrapassa os limites da imaginação. As linhas já não mais o resiste, seu salto consegue penetrar na mente de quem o observa e foi isso que a mulher conseguiu ver, viu através da sua janela, pequena janela, o voo dos pássaros quando nos referimos ao conto objeto desta pesquisa. Ao olhar, percebeu que em sua frente existia um mundo de possibilidades e descobertas, e então,

teve a certeza que não mais deveria viver naquele exílio, e sim, descobrir as possibilidades que a vida poderia lhe oferecer.

4 DAS ASAS DADAS À MULHER

A obra *Longe como o meu bem querer* (2002) de Marina Colasanti é composto por vinte e quatro belos contos, todos bem sintonizados, com proposta de fantasia e magia. Ela conseguiu dar espaço reservado aos seres encantados, do mítico, em que tudo é possível, pois é garantido pela força da imaginação. Todos eles nos remetem as nossas tristezas, nossos sonhos, nossa condição de viver. Vem fazer o leitor chegar mais perto de si, mais próximo do seu íntimo, se descobrindo, podendo se vê encantado com muitos dos personagens onde nessa vida tudo é possível.

O conto Sem asas, porém, que nós iremos analisar faz parte de uma coleção de contos reunidos na obra *Longe como o meu bem querer*. A proibição e falta de liberdade, tema que podemos ver logo no seu título, pois narra a história de uma mulher que vivia com seu marido em uma aldeia, presa e proibida de comer carne de ave, pelo fato de subir aos pensamentos e modificar toda sua imaginação. Contudo, a falta de opção levou a mulher a comer a carne, depois disso a mesma se sentiu diferente.

Seus olhos não eram mais o mesmo, seus pensamentos tinham se tornado outros. A mulher que antes vivia sempre em oposição de obediência a seu companheiro e a tudo e todos que a rodeava, agora se sentia livre, não mais, presa em seu destino. O olhar para o céu, tornou-se o seu refúgio e, então, foi brotado em sua imaginação a ideia de liberdade, liberdade essa que foi conquistar, decidiu então voar para o mais alto que pudesse chegar.

Em toda a nossa história, vemos as mulheres lutando e batalhando para se chegar a algum lugar. Outrora vivíamos no mundo mais oprimido, onde as mulheres eram proibidas a quase tudo, o direito maior era dos homens, que tinham o domínio do poder. Como apresenta no conto “*Dura aldeia era aquela, em que as mulheres não era permitido comer carne de aves – não fossem as asas subir-lhes ao pensamento*” (2002, p., 57).

Todas submetidas aos seus companheiros faziam seus gostos e suas vontades. Na história a mulher sofre com todos esses casos. Quando seu marido trouxe um pouco da carne, sem opção, para ser cozida, logo, sem hesitar, a mulher foi preparar. “*E assim a mulher fez, metendo ainda os dedos por entre as penas ainda brilhantes, arrancando-as aos punhados, que a fogo e água nunca havia pertencido, mas sim ao ar e á frente*”. (2002, p. 57).

Depois que ambos comeram, a mulher passou a pensar e agir de outra forma “*Mas uma inquietação nova começou a tomá-la. Interrompia seus afazeres de repente, como nunca havia feito*” (2002, p.58). Um novo olhar para o mundo surgiu “*A mulher olhava então para aquilo de que não precisava. E olhava como se precisasse. Demorando-se, olhou primeiro adiante, Adiante de si. E diante daquilo que tinha se precisasse*” (2002, p.58).

Os outros, não conseguiram enxergar este novo olhar, ainda viam nela, uma consciência sem brilho, presa no seu mundo obsoleto e sem esperança. “*O único olhar que nela parecia importar para os outros ainda era o antigo, de quando só olhava o que era necessário*” (2002, p. 59). Para ela o essencial não se passava de mais nada, soube que ali, precisava de algo mais, algo que pudesse completar a sua essência.

O céu tornou-se a sua esperança, conseguiu enxergar no voo dos pássaros a sua libertação “*E assim um dia aquela mulher para a qual ninguém olhava olhou o céu*” (2002, p., 59). A mulher foi tomada de um sentimento inexplicável, ela pôde ver o mundo por outro olhar, viu através do voo dos pássaros que estavam voando para o sul, e teve a certeza que era o lugar aonde deveria ir. A mulher então renasceu para poder viver a sua própria vida e escolher o seu próprio destino.

Sem que tivesse chovido ou fosse chover. Sem que houvesse relâmpagos. Sem que sequer houvesse nuvens ou o tempo fosse mudar, ela olhou o céu. Olhava pois para o alto, quando um bando das aves passou sobre a casa rumo ao sul. Há muito as folhas haviam-se banhado de cobre, o solo começava a fazer-se duro no frio. E as aves de carne escura seguiam no céu em direção ao sol. (COLASANTI, 2002, p., 59).

A decisão de uma nova vida for tomada, a mulher sem que mais nada a impedisse, voltou-se para o céu, e viu a sua grandiosidade e magnitude, e observou o voo deslumbrante que as aves acabara de dar em direção ao sol. Sua escolha foi, partir daquele escasso lugar, onde toda sua vida tinha sido desprezível. Decidida, não mais olhou para trás, olhou apenas para o amanhã que nasceria.

Podemos observar que a mulher conseguiu se livrar. Libertou-se de tudo que aprisionava, através do voo das aves, ela renasceu. O símbolo das asas, expresso na libertação da mulher, nos mostra o seu grande poder de elevação e transgressão. A personagem que antes era mergulhada em suas angustias e tristezas, agora conheceu o poder de romper barreiras.

4.1 Ganhando asas da liberdade em “Sem asas, porém”

Em uma aldeia todas as mulheres eram impedidas de comer carne de aves. “*Dura aldeia era aquela, em que às mulheres não era permitido comer carne de aves*”. (2002, p.,57).

Certo dia seu companheiro ao voltar de uma caça mal sucedida a trouxe uma ave para que ela a preparasse para ambos. Como sempre a mulher foi preparar, porém na hora de comer seu marido não quis, ela pelo contrário se fartou.

Cozida a carne da ave, regalou-se engolindo os bocados sem quase mastigar, firmou os dentes nos ossos, sugou o tutano. O marido não. Repugnou-lhe a carne tão escura. Limitou-lhe a molhar o pão no caldo, maldizendo sua pouca sorte de caçador. Passados dias, a mulher nem mais se lembrava do seu raro banquete. Mas uma inquietação nova começou a tomá-la. Interrompia seus afazeres de repente, como nunca havia feito (COLASANTI, 2002, p.,58)

Passado alguns dias, a mulher foi tomada de uma grande inquietação. Começou a interromper seus afazeres, coisa que nunca antes acontecera, seu corpo não mais conseguiu ficar quieto. Ela então, abriu seu olhar para as coisas diferentes, até para aquelas que não precisavam olhar “[...] *olhou primeiro adiante. Adiante de si. E diante daquilo que tinha diante de si*” (2002, p.58). Logo, olhou diante de si, diante de tudo que tinha ao seu redor. Não disse a ninguém o que estava vendo, prosseguiu apenas com seus afazeres de sempre.

A mulher que apenas era observada pelo seu olhar de enxergar aquilo que era remoto e inútil. *“Ninguém lhe perguntava o que estava olhando. O único olhar que nela parecia importar para os outros era o antigo, de quando só olhava o que era necessário”* (2002, p. 59). Debutou-se com um sacudir de cabeça, a olhar para os lados, para esquerda, para a direita e ninguém indagava o que olhava. *“E assim um dia aquela mulher para a qual ninguém olhava olhou o céu, sem que tivesse chovido ou fosse chover”. Sem que houvesse relâmpagos. Sem que sequer houvesse nuvens ou o tempo fosse mudar, ela olhou o céu.* (2002, p. 59). O único olhar que nela ainda parecia importar era o antigo de quando só olhava o que era preciso.

Um dia aquela mulher, a que ninguém percebia, olhou o céu e viu algumas aves voando em direção ao sul. *“De pé, a mulher olhava. E continuou olhando até que as aves empalideceram na distância”* (2002, p. 59). Pôde ver naquelas aves um brilho fascinante, e colocou-se a observar o voo e o destino que elas iam.

Com isso, foi brotando na sua mente o pensamento e a ideia de liberdade, liberdade que ela poderia conquistar, se tomasse uma decisão de partida e tivesse iniciativa, e então, a mulher que agora tinha mudado saiu andando, caminhando sempre para frente, rumo ao sul, como se acompanhassem as aves e tivesse se libertado. Depois que a personagem comeu a carne da ave, seu corpo não mais agiu da mesma forma que antes. A carne da ave atuou em sua vida e modificou suas reações, fazendo com que o seu ser se elevasse e começasse a ter acesso à liberdade.

O conto Sem asas, porém, tendo seu foco narrativo em na terceira pessoa, o enunciador buscou não nomear os personagens, apenas os chamou de mulher e marido. Os tempos se

misturam, indicando uma oposição a uma compreensão do tempo linear, fazendo um jogo com o passado, presente e futuro. Foi todo desenvolvido num percurso circular, enfaticamente em torno do eixo da linguagem.

No início do conto, a autora descreve um âmbito limitado para as mulheres, todas eram impedidas de comer carne de aves. Tinha-se um pensamento que se a mulher comesse aves as asas subiriam em seus pensamentos. Vemos com isso que havia uma aldeia que as mulheres jamais poderiam pensar e ser livres. Seu meio estimulava a mulher para que ela própria se sentisse incapaz e limitada com seus pensamentos. Zolin (2005, p., 188) revela “*No caso da mulher, os meios são mais favoráveis para que esse processo se realize: sua fraqueza é estimulada*”.

A fraqueza da mulher era estimulada a todo momento, seu companheiro e todos que a rodeavam a deixava presa em sua essência. A mulher mesmo sem querer, tornou-se forçada a aceitar a opressão de todos, inclusive de seu esposo, e isso a deixou cúmplice de sua própria escravidão.

A personagem da mulher, é uma mulher que vivia totalmente presa em seu mundo, sufocada em sua angústia e cercada por pessoas que não a notavam. Na época, no lugar onde morava, todas as mulheres eram proibidas de comer carne de aves, exceto os homens. “*Dura aldeia era aquela, em que as mulheres não era permitido comer carne de aves –não fossem as asas subir-lhes ao pensamento*” (2002, p., 57).

Percebemos que autoridade maior era a dos homens, os homens nada era impedido, já as mulheres não, elas deveriam ser totalmente submissa ao seu companheiro. A carne da ave era uma restrição para as mulheres, pois, as asas eram vistas como uma forma de levar as mulheres a enxergar o que estava oculto, a clarear os pensamentos e relembrar a liberdade, elucida Girard (2005),

ela evoca essencialmente a elevação espiritual, o acesso à liberdade, à transcendência, uma ruptura com os limites da condição humana, em suma a abolição do peso. Isso tanto na vida (por exemplo, a sobrevivência depois da morte) como o do conhecimento. (GIRARD, 2005, p., 701)

Possuir o acesso à liberdade, quebrar os paradigmas já imposto pela sociedade e elevar a autoridade feminina, a mulher não podia. E a carne da ave, dispendo de asas, que possui o poder de libertação, faria com que os pensamentos da mulher fossem iluminado e transformado para uma nova compreensão de vida.

Mesmo não sendo permitido a mulher comer a carne de ave, seu companheiro lhe trouxe por falta de opção, logo após ter ingerido a carne, a mulher começou a se sentir diferente. “*Paradas breves, quase nada. Um suspender do queixo, um vibrar de pestanas. Um*

alerta. Resposta do corpo a algum chamado que ela se quer ouvia” (2002, p., 58). Percebemos a mudança na personagem, assim que ela ingeriu a carne, seus pensamentos já não eram mais os mesmos, seu corpo agora respondia a comandos que ela se quer sabia de onde vinham.

De acordo com o pensamento de Girard (2005, p.31) *“O símbolo das asas jaz, portanto, no fundo do subconsciente de cada pessoa”*. Isso explica o comportamento e a mudança repentina da mulher, seu espírito de liberdade se encontrava em repouso e houve o despertar e o novo olhar assim que ela comeu a carne da ave.

Os pensamentos do ser humano podem ser renovados através de novos olhares, um olhar para o linear é capaz de levar o homem a seguir outra trajetória. Foi o que sucedeu a personagem tomar outro curso de vida, as asas, conseguiu aflorar seus pensamentos e leva-la a buscar por leveza e elevação interior. *“E assim um dia aquela mulher para a qual ninguém olhava olhou o céu. Sem que tivesse chovido ou fosse chover. Sem que houvesse relâmpagos. Sem que sequer houvesse nuvens ou tempo fosse mudar, ela olhou o céu”* (COLASANTIAUTOR, 2005, p. 59). No céu, a personagem conseguiu enxergar um mundo de possibilidades. É como expressa Bachelard (2005)

A força da asa consiste, por natureza, em poder elevar e conduzir o que é pesado para as alturas onde habita a raça dos deuses. De todas as coisas atinentes do corpo, são as asas as que mais participam do que é divino... Quando um sentimento se eleva no coração humano, a imaginação evoca o céu e o pássaro. (BACHELARD, 2001, p., 68).

A mente da mulher que outrora só pensava no que era necessário, necessário no que diz respeito aos outros, sua importância era com as pessoas que a cercavam, sem esquecer do principal, seu esposo, ela nem ao menos olhava para si. Posteriormente, ter percebido que a vida poderia ser muito mais do que imaginava, teve ousadia, ousadia de olhar para o alto e ter a sensação de alforria de sua própria existência.

A persistência é capaz de levar o homem a continuar com seus planos e sonhos. Nos sonhos podemos ir a lugares que nunca imaginamos estar, essa força que persiste quando o homem está dormindo, leva ao despertar uma esperança grandiosa. Quando se sonha com voo de pássaros é a mesma coisa, dificilmente ou nunca um pássaro forte e voador vai declinar, a lógica será que ele sempre vai continuar voando em direção ao céu. *“Nenhum sonho natural nos faz assistir à morte de um pássaro voante”* (BACHELARD, 2001, p.,70).

Para Bachelard (2001), acredita que no sonho sempre existirá a felicidade dormente, ou seja, um pássaro que voa em direção ao alto nunca vai despenhar, pode até pender para os lados, mas cair jamais. Já no ser humano o vício pode pender para os dois lados, tanto acordado

quanto dormindo, vai depender da força de quando o despertar, a opção sempre estará nas mãos dos homens, o caminho escolhido vai ser apenas uma consequência de suas escolhas.

A conversação entre o voo onírico e o voo vivente é grande, um depende do outro. A correlação existe com o ser, o homem mesmo acordado pode está sonhando, ou seja, adormecido em angustias e solidão, e mesmo dormindo pode está se desprendendo de coisas más que o acorrentam. A personagem esteve quase parte de sua vida dormindo e oprimindo seus anseios e desejos, mas não tardar, ela conseguiu perceber onde se encontrava e como estava sendo sua vida.

A personagem passou por um processo de transformação, transformou a maneira de pensar, agir e olhar o mundo com outro olhar. *“Olhava para o alto, quando um bando de das aves passou sobre a casa rumo ao sul... as aves de carne escura seguiam no céu em direção ao sul”*. (2002, p., 59). Neste aspecto, vimos que a observação da mulher ficou voltada para o alto apenas quando acordou de seu sono profundo, profundo no que diz respeito como estava sua vida.

Em virtude a sagacidade das aves a vida da mulher foi modificada e levada a ultrapassar os limites impostos pela imaginação de outrora. Girard (2005, p.,705) propõe que *“Em suma, as asas simbolizam (incoativamente) o acesso do homem à transcendência, a abertura vertical para o mistério de tudo o que ultrapassa de modo absoluto”*. Assim, compreendemos a agudez na personagem, no seu interior houve mudança e seus pensamentos agora eram outros.

O modo repentino que a personagem vivia era um mero comportamento de rebanho, como todos, inclusive as mulheres. Depois de ter se visto, ter olhado para o seu próprio isolamento e ter experimentado a influência do poder das asas, a mulher não mais se sentia inútil, por todos em sua volta e, sim, o sentimento que nascia dentro dela era uma convicção que a fazia transcender suave e graciosa.

Depois de nascido os sentimentos e pensamentos de redenção, a mulher não mais conseguiu permanecer na inquietação, *“De pé a mulher olhava. E continuou olhando até que as aves empalideceram na distância”*. (2002, p., 59). A persistência floresceu no íntimo da mulher e a ousadia penetrou em seu olhar ao ver a mobilidade e agilidade das aves de carne escura voando em direção ao sul. *“O movimento de voo dá imediatamente, numa abstração fulminante, uma imagem perfeita, acabada, total. A razão dessa rapidez e dessa perfeição é que a imagem é dinamicamente bela”*. (BACHELARD, 2001, p., 65).

Bachelard (2001), explica que o movimento do voo, forma imediatamente na mente do ser humano uma imagem composta por um conceito vasto, um conceito que o leva a liberdade. Essa conclusão é formada devido à imagem do voo ser tão atraente, intenso no momento que as

asas são abertas e levadas à altura. Foi onde a mulher se deslumbrou, quando viu o voo das aves, criou uma definição para sua própria existência.

Desta forma a mulher tomou a decisão de partir “*O vento batia os longos panos da sua saia, estalava as asas franjadas do seu xale. Não, ela não voo. E como poderia? Saiu andando, apenas*”. (2002, p., 59). Percebeu que lá fora existia um mundo de possibilidades e descobertas, e que dentro de seu íntimo uma voz clamava por socorro, por coisas que jamais sua imaginação tinha pensando em viver.

A mente da mulher conseguiu transgredir, ultrapassou os limites da imaginação. A personagem não conseguiu voar, esse sentido foi negado, porém não precisou voar para se libertar, ela apenas saiu andando em busca de socorro para sua felicidade e satisfação. Girard (2005, p., 701) explana “*para o homem que sonha, as forças do voo estão nos pés*”.

A força da mulher se encontrava em seu mais profundo íntimo, só se deu conta disso, quando percebeu que, na aldeia onde morava, seu companheiro e todos em sua volta era o seu subconsciente adormecido. O voo de sua libertação conseguiu levar a sua mente a uma transgressão de consciência, e ao se despertar, olhou para rente e caminhou em direção a voo dos pássaros, rumo a satisfação pessoal. Para o fenomenologista Bachelard (2001, p.6) “*no reino da imaginação, o voo deve criar sua própria cor*”.

5 CONCLUSÃO

Neste trabalho, foi desenvolvida a análise interpretativa, do símbolo das asas, na obra *Longe como o meu bem querer*, da autora Marina Colasanti. A abordagem feita parte de uma observação e associação com o símbolo das asas na imagem de uma mulher presa em sua essência. Logo, a pesquisa intitulada “*mulher! E quem te deu asas para voar?*” retratou a simbologia das asas contida na imagem de uma mulher que vivia inteiramente submissa ao seu companheiro, (sufocada em suas angustias e que conquistou), ideias de libertação e redenção.

A relevância e o fundamento da análise estão presentes em sua temática, que leva o entendimento a respeito do simbolismo e da fenomenologia através do papel da mulher que se manifestou, desapropriou-se de sentimentos e pensamentos acerca da imaginação que aprisionava.

Concluimos que o cuidado narrativo se sobrepôs, tais como o contexto, o espaço, o trabalho minucioso da linguagem, são referências bem zelosas da autora. Esses fundamentos assumem de maneira precisa, expressando com cuidado e leveza todo o seu texto. Conseguir levar o leitor a compreender de forma clara, permitindo uma suave leitura.

Constatamos, ainda, no conto de Marina Colasanti o realce dado a personagem, em toda a história, ela demonstrou maestria, ordem e respeito acerca do papel da mulher, já com o símbolo das asas conseguiu levar o leitor a mergulhar no mundo da imaginação, fez do simples voo de aves, compreender o fundamento da simbologia e a capacidade de transgressão do homem.

O simbolismo das asas exposto pela autora tem um sentido de elevação que vai do sublime ao transcendêncial humana, pois o símbolo foi evidenciado e retratado como uma forma de elevação e libertação da mulher, mesmo que não possuindo asas, obteve o voo linear, conseguiu também acesso ao alto, o ar de esperança e a fez se livrar das obscuras sensações escondida em seu interior.

Devido a publicação a obra da escritora Marina Colasanti, *Longe como o meu bem querer*, o conto *Sem asas, porém* podemos observar a ressignificação que foi dada a simbologia das asas e a enunciação da restauração de um eu feminino. Localizamos, também, uma interpretação do contexto social no qual a mulher foi inserida, por meios dos discursos enunciativos diferenciados. A simbologia foi usada enquanto meio de significação para evidenciar o símbolo com a imaginação e mostrar os grandes variados significados de pensamento.

A fantasia da autora que trata com uma belíssima e esplendida combinação entre magia e realidade ressalta a sublimidade da imaginação humana, ou seja, o poder que o homem tem de transgredir e ultrapassar os mais altos pensamentos. O símbolo das asas apresentado pela autora conquista de forma surpreendente todos os leitores, consegue sem dúvida exceder os pontos da imaginação.

Portanto, compreendemos na obra de Marina Colasanti, um conto que objetiva, atingir um imenso público e que leva os leitores observar através de uma linguagem literária cheia de palavras e significados de efeito de modo a fazer o leitor sair de seus pensamentos e viajar por outros trilhos. Sem dúvida, independente, de ser direcionado para o público infanto-juvenil, os leitores adultos se deleitam com a leitura e, da mesma forma, consegue viajar no mundo da imaginação.

RÉSUMÉ

L'homme contemporain, vit à la recherche d'innovations et s'intéresse aux objets et aux choses qui vont au-delà de son imaginaire, atteignant les symboles. Être des: symboles montants et mystère qui tombent à émettre inclination à l'homme ou le symbole des ailes hors de la réalité et une partie du symbole est le corps du vol qui est divisé sol, puissance d'émission de la liberté et de l'anthropologie et de l'histoire des religions il est attribué la même signification

symbolique, indiquant qu'il évoque l'élévation spirituelle surtout, la transcendance, fait une rupture avec les limites de la condition humaine et l'abolition du poids. Nous pouvons préciser cet article, l'objectif principal comme étant d'analyser le symbole des ailes en grande preuve de la soumission et la libération des femmes en relation avec des partenaires. Par conséquent, en prenant également en compte les théories sous les perspectives des aspects symbolique Marc Girard (2005) et de la phénoménologie Gaston Bachelard (2001). L'analyse montre que le symbolisme des ailes exposées par l'auteur a un sens de ascenseur qui va du sublime au transcendantal humain parce que le symbole a été montré et présenté comme un moyen de levage et de libération des femmes, même si ne pas avoir des ailes, a obtenu le vol linéaire a également obtenu l'accès au sommet, l'air d'espoir et fait à se débarrasser des sentiments cachés sombres à l'intérieur.

Mots-clés: Symbole. Libération des femmes. Des ailes

REFERENCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética das asas*. In: **O ar e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 65-89.

COLASANTI, Marina. **Longe como meu bem querer**. São Paulo: Ática, 2002.

GIRARD, Marc. *Os símbolos na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2005, p., 25-79.

_____. *“Símbolo de verticalidade cósmica- as asas-”*. In: **Os símbolos na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2005, p., 699-726.

ZOLIN, Lúcia Osana . Crítica feminista. In.: **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas** . Maringá: Eduem,2005, p., 181- 203.

_____. *Literatura de autoria feminina*. In.: **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2005, p. , 275 – 283.